O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

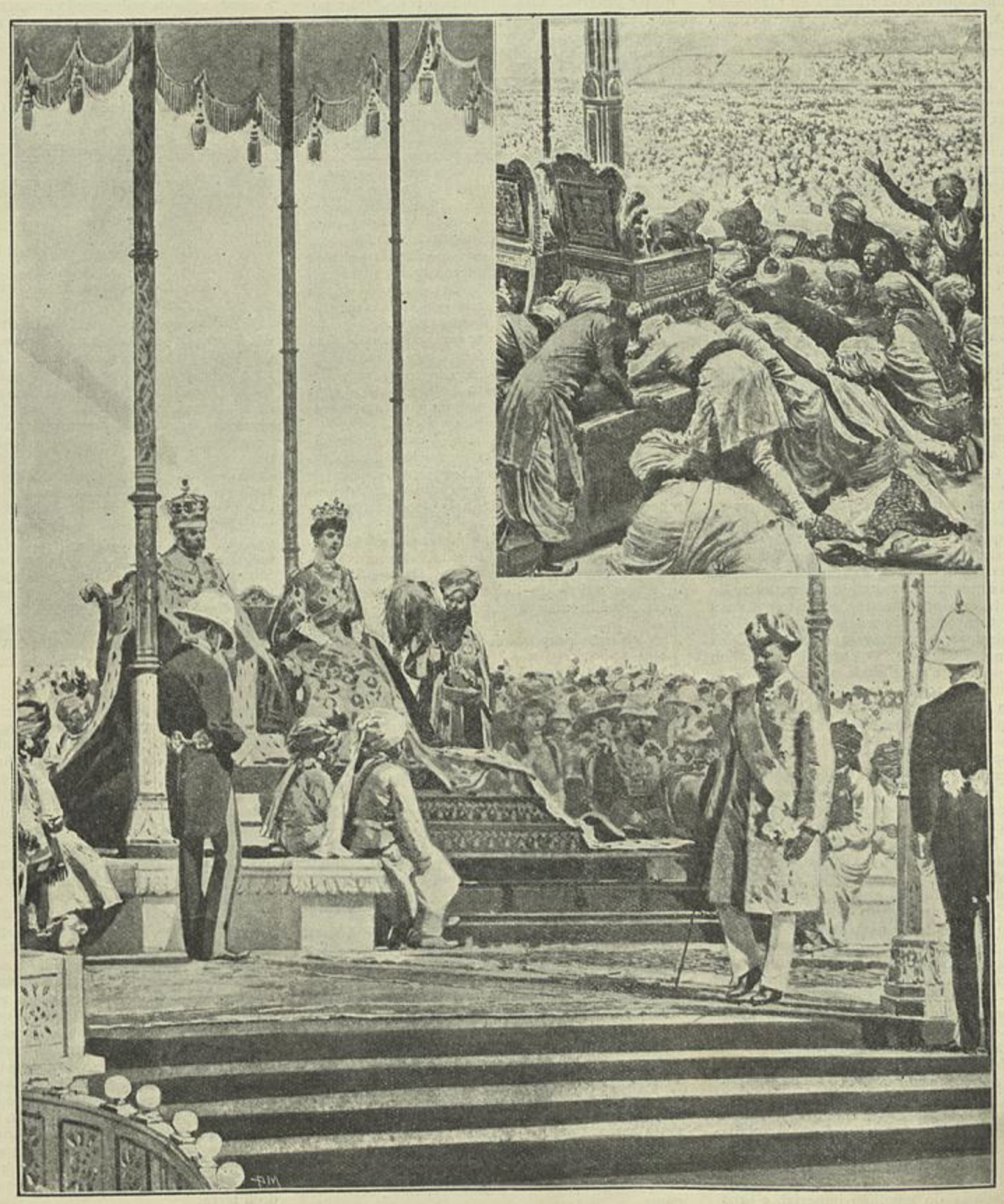
Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India.....	5$000	2$500	-$-	-$-

35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1190

20 de Janeiro de 1912

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

A Corôação de S. M. Jorge V de Inglaterra Imperador das Indias



A CEREMONIA DA COROAÇÃO, EM DELHI, S. S. M. M. RECEBEM AS HOMENAGENS DOS SEUS SUBDITOS INDIANOS — DEPOIS DA CEREMONIA A MULTIDÃO INVADE O RECINTO DO TRONO ANTE O QUAL SE PROSTA EM ADORAÇÃO — VEJA *Cronica Occidental*

Cronica Occidental

No longinquo Oriente — terra lendaria de riqueza e pompa — pelos fins do ano que decorreu, uma festa incomparavel, na mesquinheza prosaica dos tempos presentes, se realisou sob aqueles ardentes ceus que parecem meditativamente evocar a relumbrancia magnifica de eras remotissimas. A Inglaterra, conservadôra evolucionista, tradicionalista progressista, senhora duma diplomacia fina e firme, acaba de apertar na fronte da India subjugada uma venda espessa de oiro, para que aqueles olhos deslumbrados de vassalos, enlevados nos oiropeis brilhantes do cenario, não atentem na realidade profunda e dolorosa da cena. Acaba de doirar habilmente o ferro forte dos seus grilhões de servidão para que atentos no brilho exteriôr não lhes avaliem o peso real e revoltante. Quero referir-me ao solene *durbar* de Delhi, em que Jorge V em meio das aclamações delirantemente festivas, arrebatadôramente entusiasticas, de milhares de almas, foi coroado Imperadôr das Indias.

Consoante narram, para a realisação desta ceremonia indescritivel, construira-se na planice de Delhi, uma cidade enorme e provisoria, formada de pavilhões e abarracamentos. Ali afluiram, vindas de diversas regiões. gentes anciosas de novo e maravilhoso. O festejo magnifico da coroação efetuou-se no dia 12 de dezembro do ano findo. Mas muito antes já, muito antes, um movimento desusual de vida ondulava efervescente. No dia 7 — dia em que fôra anunciada a chegada dos soberanos, partidos de Bombaim — o alvoroço anhelante subiu de ponto, insustentavel, e na ocasião do desembarque a agitação foi excessiva e indefinivel. As aclamações estrugiram de todas as bôcas. Os halalis elevaram-se mais e mais numa espiral de entusiasmo intenso. Todos os olhos despediam relampagos. Todos os labios eram brazas. Os canhões troaram... Entretanto os monarcas tinham desembarcado. Organisou-se o cortejo. E era pitoresco ver deslocar se na mesma direcção aquela formidavel mole de gentes de olhares brilhantes e expressão comovida. Dirigiram-se ao Forte de Sahingarh onde os soberanos deviam receber os cumprimentos dos principes indios mais notaveis. Dali seguiram para o pavilhão onde o vice-presidente leu o *adress* a que Jorge V respondeu com palavras de louvôr, admiração e amisade pela India.

Mas foi no dia 12 que aquela efémera cidade de Delhi se revestiu dum aspeto unico e nunca visto — ao coroarem-se Imperadôres o rei e rainha de Inglaterra. Naquelas almas anciosas de subditos fieis, perpassa uma labareda de entusiasmo — quando Jorge V vestido de veludo e arminho, trazendo sobre a fronte uma alta corôa marchetada de diamantes, safiras e esmeraldas, e a rainha imperatriz arrastando um *manteau* de longa cauda que pequenos pagens de suntuosos vestuarios tocavam levissimamente com os dedos, — subiram imponentemente os seus trônos dispostos no Shamiama. O coronel sir Mahon curvou-se perante o rei e abriu o *durbar*.

E o anfiteatro regorgitava de multidões. E as respirações alteiavam-se ofegantes. E a luz forte do dia resplandecendo nas vestes luxuosas e multicolôres e pedrarias rutilantes, dos maharajahs dava o aspecto estranho duma cidade enorme que se incendiava. E Jorge V leu o discurso imperial numa voz acentuada e nitida. E recebeu as homenagens dos principes indigenas, rajahs de vestes preciosas, entre os quais se salientava o begum de Bhopal velado da cabeça aos pés, dos altos funcionarios inglêses, o vice-rei e os governadôres das provincias. E o cortejo deslocou-se ao longo da plataforma, desde a *shamiana* ao pavilhão. E o general Peyton anunciou a proclamação. E o vice-rei leu o decreto das concessões feitas pelo soberano. E as aclamações estrugiram mais fortes. Os halalis elevaram se mais alto. Olhos em relampagos, labios em braza, pedrarias em fogo — todo o vasto recinto era um incendio de entusiasmo fervoroso. A assembleia ergueu-se. Os clarins enrouqueceram as fanfarras. As bandas entoaram o hino nacional. E a guarda de honra e a formidavel mole militar que ocupava o anfiteatro apresentaram armas. E os canhões troaram. A ceremonia finalisava.

E eis senão quando, assim que o acompanhamento imperial acabava de abandonar o anfiteatro, um troço enorme de multidões indigenas num impeto irreprimivel de adoração e entusiasmo, irrompem furiosamente, invadem o recinto, galgam a escadaria do pavilhão imperial, e prostram-se religiosamente ante o duplo trôno dos Reis-Imperadôres.

Foi a homenagem simples, sincera e mais significativa da India popular. E foi assim que a Inglaterra, conservadôra evolucionista, tradicionalista progressista, senhora duma diplomacia fina e firme, apertou suavemente na fronte da India subjugada uma venda espessa de oiro e habilmente doirou o ferro forte dos seus grilhões de servidão.

Antonio Cobeira.

A POBREZA SUECA

POR

C. J. L. ALMQVIST

(Concluido do n.º antecedente)

As duas palavras, pobreza e riqueza, não se aplicam apênas ao dinheiro e aos bens materiais; existem tambem para a literatura e para as belas artes.

Nêsse ponto ainda o povo suéco, se bem se quizer observar, está reduzido a si proprio e pobre. Mas a pobreza tomada nêste sentido não significa indigência. infelicidade ou miséria. O pobre quando não é socorrido, só é miseravel quando desespera e cae. Não foi assim que a natureza quiz que o suéco fôsse pobre.

Para êle pobreza significa propriamente concentração, colocação da fôrça sobre uma única carta: a personalidade: abertura de uma fonte interior brotando de uma veia inexgotavel.

Será sempre a pobreza, se assim se quizer, o estado de um homem privado de recursos materiais. Mas um pobre capaz, em vez de desesperar, de achar em si proprio os meios de criar um mundo que baste para as suas necessidades póde, sem dúvida, em certo sentido chamar se rico: possue ou adquire uma riqueza organica interior.

E eis como o suéco desde que compreenda bem a sua situação no mundo póde, ao mesmo tempo, ser o mais rico e o mais pobre.

Dêste modo podemos vêr que no ponto de vista de Arte a situação dos suécos é a mesma.

Uma grande parte do seu paiz é pobre e deserta se a compararmos a outras regiões mais meridionais, em que na propria natureza se encontra uma seiva vivificadora e forte.

As cidades e as aldeias têm só um pequeno número de habitantes e as comunas têm muitas vezes uma população muito disseminada.

Onde se encontrariam aqui os acontecimentos cheios de aventuras resultantes do incessante convivio dos homens?

Nós vivemos num fundo simplesmente humano. Todos vivem muito afastados uns dos outros: as paixões entrechocam-se menos frequentemente que nos paízes do Sul e não fazem nascer em grande número as situações brilhantes e complexas.

A questão proposta é, por conseqüência, a seguinte:

Que matéria tem a Suécia para oferecer ao artista para as criações da Arte ou da Ideia?

Primeiramente, o que oferece ela ao paisagista? Salvo algumas regiões montanhosas aqui e àlém é antes um paíz baixo com muito poucas vistas grandiosas e pitorescas, sem o gigantesco da Suissa, o opulento da França, o luxuriante da Itália.

Uma paisagem árida e gentil desenrola sob os nossos olhos o seu aspecto humilde e mostra-nos o seu pequeno lago tendo de um lado um pedaço de prado verde-claro, do outro algumas arvores e talvez uma linha de pinheiros sombrios ao fundo.

E é um pouco assim por toda a parte em que não aparece só uma charneca feia e chata ou a floresta selvagem.

O que se póde aproveitar dêste país para a Pinacotéca? (1)

Nos nossos poetas gustavianos e romanticos dificilmente se encontra uma linha que recorde a Suécia (excepção feita todavia para os titulos e nomes).

Talvez que isso não seja culpa do versificador. Donde provém isso? A natureza é aqui uma filha das florestas, taciturna e reservada. Excessivamente discreta não entra nos salões porque ali seria mal vista.

Murmura tão baixo e fala com uma voz tão fraca — fraca não, egual a uma harpa eolia num longinquo maravilhoso! e é preciso o ouvido mais fino e a alma mais terna e mais sensivel para notar as belezas que parecem destinadas a sêrem eternos segrêdos.

Lancemos um olhar pela flora do Norte. Possue a nossa peninsula uma rosa? Indígena e originária do país temos nós uma que se chama na linguagem vulgar «rosa brava» embora seja da mesma dinastia de flôres que a rosa dos paízes quentes.

A roseira brava merece ser contemplada de perto porque é caracteristica do Norte.

Veja-se a sua pequenina flôr côr de rosa palida, aspire-se lhe o perfume extraordinariamente fino, quasi fraco e, contudo, o mais nobre que flùtúa no ar. Ela não tem nenhuma riqueza luxuriante de folhagem; não é a rosa meridional cheia de seiva, de côr encarnada-viva, a imagem da voluptuosidade nem tampouco tem o capitoso perfume narcótico, irmão do ambar, do almiscar e de todos os incênsos do Oriente.

A roseira brava mostrará por certo durante a sua curta florescência um grande número de pequenas flôres, pobres de pétalas; é vigorosa apezar de delicada e possue tantos espinhos como a sua parente do Sul e do Oriente; mas é sobretudo a incarnação da pobreza, da graça selvagem e da castidade. E' a expressão de toda a nossa natureza do Norte fundida num símbolo.

Tradução do francês de

A. de Mello e Niza.

(1) Museu de pintura. Do grego *pinax*, quadro e *thêkê* depósito.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero 1187)

De Zanzibar a Moçambique

Zanzibar, que fazia parte do territorio do Iman de Maskat, tornou-se independente em 1856 sob o governo d'um filho do mesmo sultão. Desde 1890 é um protectorado inglez regido nominalmente pelo sultão a quem a Inglaterra dá tres lakhs de rupias por anno. Quem governa são o residente consul e o primeiro ministro do sultão, ambos inglezes. O territorio actual consta das ilhas de Zanzibar e Pemba, dez milhas de costa de Wanga a Kipini, das ilhas Lamu Manda e Patta e dos portos de Kismayu, Merka e Mogdishu, cada um com dez milhas de territorío. A população de Zanzibar é de 125:000 habitantes, dos quaes 100:000 vivem na capital. Ao todo existem uns 120 europeus. Com o estabelecimento de Mombassa na British East Africa e Daressalam na Deutsch Ost Afrika, e respectivos caminhos de ferro de penetração. Zanzibar tem perdido grande parte da sua importancia e varias casas commerciaes passaram para o continente. A força de pulicia compõe-se d'uns 700 homens commandados por officiaes inglezes.

Pouco depois de fundearmos, fui cumprimentar o consul geral de Portugal, Leopoldo R. Gomes de Oliveira, e em sua companhia visitei no dia 26 o residente consul inglez, Edward Clarke, e o primeiro ministro captain Francis Barton. Todas estas visitas me foram retribuidas. Nos dias 26 e 27 mettemos 253 toneladas de carvão Cardiff (Nixon's Navigation) ao preço de 58 5 shillings a tonelada f. o. b. A 27 foi-nos offerecido um jantar em casa do Residente e no dia 28 um outro pelo consul de Portugal onde concorreram os consules dos Estados Unidos, Allemanha e França. A convite dos officiaes do regimento King's African Rifles, assistimos no quartel a uma «gomma» (exercicios e danças de guerra indigenas). Pelas 8 horas da manhã do dia 29, começámos a navegar para o sul em direcção a Moçambique. Ao anoitecer avistou-se pela amura de E. B. o farol de Ras Mkumbi que ás 7,45 se marcou pelo travez a 10'. Cruzámos um pequete. No dia 30 tivemos 48 milhas de corrente contraria. A's 7 horas p. m. determinou-se um ponto por rectas de altura de Rigel e Achernar e ás 5 horas a. m. de 31 um outro por Doubhe da Cruz, Jupiter e Sirius. Ao amanhecer viu-se terra por estibordo ao longo da qual navegámos. Ao meio dia marcou-se a montanha da Meza a W, á 1 hora avistou-se o farol da ilha de Gôa e ás 2,10 fundeámos em frente da cidade depois de ter salvado á terra.

De Moçambique a Quelimane

Pouco depois de fundearmos em Moçambique, veio a bordo o capitão do porto 1.º tenente Ramalho, em companhia do qual fui cumprimentar o governador interino major Duarte Augusto que no dia seguinte me retribuiu a visita. Desembarcámos os 23 condemnados que a pedido dos governadores de Macau e India conduzimos a Moçambique. Os oito piratas de Colowane tornaram-se notaveis a bordo pelo seu comportamento, amôr ao trabalho e aceio. Faziam bom serviço, tanto no convez como na machina, e foi com saudade que d'elles se separou a guarnição. Os indios, indolentes, fracos, pouco aceiados, não nos inspiraram sympathia. No dia 1 de janeiro embandeirámos em arco, salvando ao meio dia com 21 tiros. Pelas 8 da manhã do dia 2 suspendemos e saimos do porto pelo canal do sul em direcção a Quelimane. Durante o dia não houve sol, mas ás 7,15 p. m. determinou-se a posição do navio por rectas de altura da lua e Canopus. No dia 3 não houve sol. A's 1,30 p. m. avistámos o farol de Olinda, pouco depois o de Tangalane e navegámos a entrar a barra onde encontrámos em meia maré um minimo de 17 pés. Dentro da barra mettemos o piloto com o qual subimos o rio fundeando em frente de Quelimane pelas 4,15 p. m.

Claridade nocturna

Nas ultimas noites tem-se conservado a atmosphera bastante clara, claridade que não diminue quando as estrellas estão encobertas pelas nuvens. Este interessante phenomeno foi ultimamente explicado n'uma publicação do sr. L. Yntema do laboratorio astronomico de Groningen na Hollanda. Nas noites sem lua, quando o sol esteja mais de 18 graos abaixo do horisonte, não existe crepusculo: nota-se ás vezes, porém, que a atmosphera está illuminada sobretudo proxima ao horisonte, o que não aconteceria se a illuminação só fosse devida ás estrellas.

Egualmente se nota que umas noites são mais claras do que outras e por vezes as noites mais claras tem logar com ceu encoberto. Já em 1788 Saussure observára casos semelhantes no Col du Geant, phenomeno mais tarde mencionado por Humbolt, Bessel, Burkhardt, Galle, Agassiz e outros. Apparentemente, o ceu nunca está absolutamente escuro visto que sem se verem as estrellas e com o ceu forrado, uma chapa photographica é sempre impressionada no fim de meia hora de exposição. E' certo que n'uma noite clara uma parte da luz difluza na atmosphera é devida ás estrellas.

Tomando por unidade a luz proveniente d'uma estrella de primeira grandeza, calculou o sr. Yntema que um grao quadrado do ceu perto do Zenith tem uma illuminação total em certas noites entre 0,08 e 0,116. Só 0,02 se deve attribuir á luz diffuza das estrellas. Resulta de todos os estudos do sr. Yntema um facto já por outros sabios mencionado, qual é, ser a claridade das noites sem luar devida, não á luz diffuza das estrellas, mas a uma «aurora» permanente espalhada por todo o ceu. Ser a origem d'esta claridade nocturna uma aurora, foi comprovado recentemente por Angström, Vogel, Campbell, Arrhennis e outros que encontraram a linha verde caracteristica do «Krypton, nos espectros da luz obtida do ceu em qualquer noite clara.

Segundo o dr. Alfred Wegener, porém, o espectro da aurora deve ser attribuido a um gaz mais leve do que o hydrogenio, a que chamou «Geocoroniam». Vem um estudo sobre este gaz no jornal allemão *Physikalische Zeitschrift*.

De Quelimane á Beira

Diz o *Africa Pilot*: «It is not advisable for a vessel drawing over 10 feet to cross the bar without a boat ahead sounding.» Fiados nas informações que tinhamos a bordo e nas que nos foram dadas em Moçambique, não seguimos o sabio conselho do roteiro inglez e procedemos mal. A' entrada, em vez de uma boia de «espera» como indicam a carta e os avisos aos navegantes, encontrámos duas. A maré enchia, fomos de vagar prumando e assim transpozemos a barra sem novidade. A' saida, a maré vasava e por isso não nos convinha andar de vagar. Pouco ao norte da boia vermelha Tangalane (os avisos mencionam duas boias Tangalane vermelhas mas só existe uma) tocámos umas tres vezes com a quilha no fundo sem que o navio felizmente parasse o seguimento. Apenas havia uma hora de vasante, de modo que, no caso de encalhar, ficariamos ali perto de doze horas. Tem-se gasto muito dinheiro com a hydragraphia d'este porto mas não existem cartas. As boias estão quasi sempre deslocadas, uns avisos veem em rumos magneticos, outros em rumos verdadeiros e a pilotagem que é cara — pagamos 50$000 réis — só existe de dentro da barra para a cidade. E' triste.

Pouco depois de fundearmos em Quelimane, vieram a bordo o capitão do porto, 2.º tenente Preto, e o ajudante do governador, 1.º tenente Filippe Dias de Carvalho, visitas que de tarde retribui. No dia 4 fui com tres officiaes a um jantar que o governador nos offereceu.

Pelas 6 horas da manhã do dia 5 de janeiro, no fim da enchente, suspendemos e descemos o rio até Tangalame onde deixamos o pratico. Ao sair a barra tocámos no fundo perto da boia Tangalane II, apesar de seguirmos as instrucções dos avisos aos navegantes. Fóra de todas as boias, ás 9 horas (a. m.) soltámos o rumo para o sul. Pouco depois do meio dia cruzámos o vapor *Zambezia* da Empreza Nacional. A's 7 horas p. m. determinámos a posição do navio por rectas de altura da lua, Achernar, Sirius e Hamel. A's 0,30 cruzámos o paquete *Lusitania*, que seguia para Moçambique.

De noite rondou o vento para o sul acompanhado de aguaceiros. Sondamos com o prumo de Lord Kelvin de hora em hora e ás 5,45 da manhã de 6 avistavamos o farol da Beira. Navegámos para o rebocador *Ophir*, a bordo do qual estavam os pilotos, mettemos um a bordo ás 7 horas e ás 9 amarravamos em frente da cidade da Beira em 5 braças de fundo com 45 braças de amarra de cada ferro.

(Continúa.)

A. Pinto Basto.

Capitão de fragata

Moçambique visto á claridade nocturna

Exposição de Pintura de Ar Livre

E' este o segundo ano que, no *atelier* Bobone da rua Serpa Pinto, se realisa esta exposição de pintura dos antigos discipulos de Carlos Reis da *Sociedade Silva Porto*.

A denominação de *Pintura de Ar Livre*, dá facilmente a entender que se trata de paisagem, a não ser que os artistas mudassem agora os seus *ateliers* para o olho da rua, como acontece com o escultor do *Chico das Pegas* que, por uma daquelas liberdades convencionadas do teatro, se permite modelar a sua Santa ao inesgado sol do pateo das Osgas, em promiscuidade com os visinhos sapateiro, tanoeiro, funileiro, alfaiate, etc.

Não resta, pois, duvida que é de paisagem que se trata, como de resto ela se ostenta triunfante nos 47 quadros que fórmam esta exposição, e que pelo dizer dos seus autores devem ter sido pintados em pleno campo, a plena natureza. Télas pintadas de um jacto, acaso sem arrependimentos, com prontidão e frescura, como quem tem o medelo bem á vista e bem estudado, surpreendendo-lhe todos os segredos, absorvendo-lhe todos os efeitos de côr e de luz, procurando, emfim, toda a verdade.

De facto, em muitos dos quadros que ali vi-

Exposição de Pintura de Ar Livre

No Almonda
Quadro de Carlos Reis

Fim do dia
Quadro de Carlos Reis

Serviço Matinal
Quadro de Alves Cardoso

mos, os seus autores conseguiram essa verdade ambicionada.

Principiando por Carlos Reis, o mestre, que nos tres pequenos quadros que expõe, *No Almonda*, *Fim do dia* e *Restos doutro tempo*, nos dá tres primorosas télas, das quaes a primeira foi adquirida pelo sr. Presidente da Republica e a terceira pelo sr. Carlos Seixas.

Segue-se Antonio Saude, um devotado á pintura espatulada, processo que mais lhe agrada e com o qual consegue em alguns dos seus quadros alcançar efeitos surpreendentes, como no *Pégo escuro (Goes)*, *Dia de trovoada (Chão da Serra)*, *Moinho do Cercal (Conto de Cocujães)*, *A rapariga, o chapeu e... os ceirões*, que foram os que mais nos agradaram, principalmente o *Pégo escuro*, que é bem uma pintura em relevo, dando a ilusão do natural. Quando visitámos a exposição, vimos que este quadro fôra adquirido pelo sr. Carlos Sexas.

Pela ordem do Catalogo e seguindo os apontamentos que tomámos, é o sr. João Trigoso, professor da Escola Industrial de Lagos, que apresenta 16 quadros, destacando-se um de maiores dimensões, *Figos no Almanchar*, paisagem algarvia com todo o tom quente do seu sol e todo o caracteristico da vida daqueles campos, na preparação dos figos passados. A estreiteza do *atelier* Bobone não deixa observar bem este quadro á distancia a que precisava ser visto e, por isso, as poucas figuras que tem, são bastante prejudicadas por se verem muito ao pé. O seu quadro *Barranco dos Pisões (Serra de Monchique)*, é tambem um belo pedaço de pintura, e foi adquirido para o Museu de Arte Contemporanea. Os quadros, *Depois das favas*, *Asenha (Algarve)*, *Uma madrugada (Lagos)*, *Na costa (Lagos)*, são de bom efeito e bôa tecnica, sendo estes dois ultimos, tambem adquiridos pelo sr. Carlos Seixas, que fez as honras á exposição.

Resta falar de Alves Cardoso, artista de creditos feitos, que trouxe de Italia. por onde viajou, boas recordações em quadros de que fez ha dois anos uma exposição muito apreciada. Agora apresenta 11 télas em que domina a paisagem de bons efeitos de luz e intenso colorido, em boas manchas de uma prestigiosa paleta, como no quadro *Serviço matinal*, que quanto mais se vê na distancia, mais completa é a ilusão da pintura. E' tambem de uma grande verdade o *Sobreiro (Douro)* que foi adquirido para o Museu de Arte Contemporanea.

Ha que observar nesta exposição a variedade da paisagem que ora é da Extremadura, ora do Algarve, ora do Douro, provincias por onde os artistas fizeram suas excursões, e, como se vê, com aproveitamento.

A Exposição de *Pintura de Ar Livre*, tem sido muito visitada pelo publico, que felizmente se vae interessando por estes certamens de arte, como eloquente afirmação do progresso realisado nestes ultimos anos.

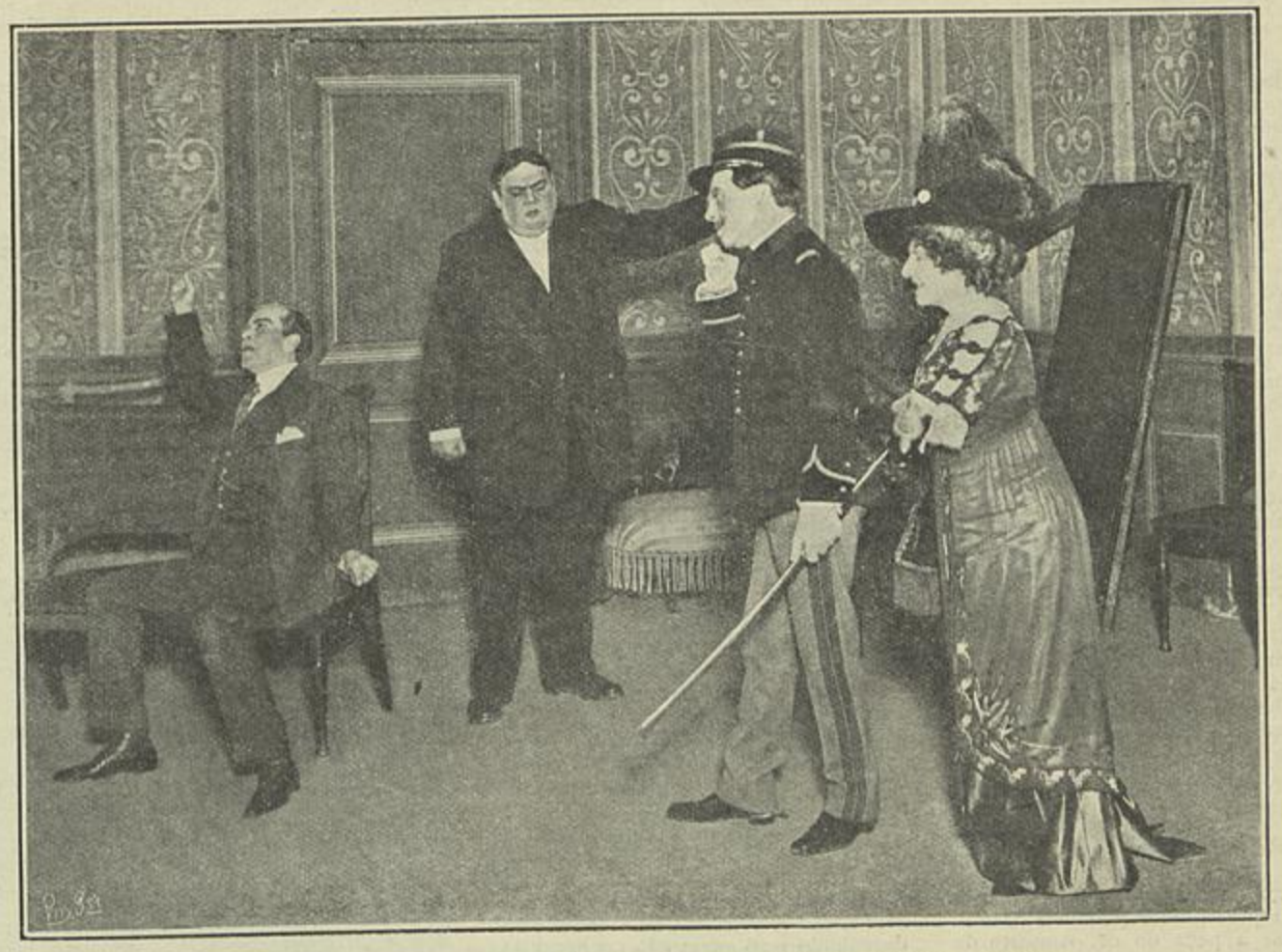
Ultimamente, sabemos que mais alguns quadros têm sido vendidos, pelo que, tanto felicitamos os expositores como as pessoas que os adquiriram.

C. A.

A producção litteraria da França, segundo as ultimas estatisticas, seria, em média, quasi a metade da da Allemanha, egual á da Italia, e o duplo da da Inglaterra. No anno de 1901, por exemplo, appareceram na Allemanha, pouco mais ou menos, 25:000 obras, em França e na Italia 11:000 e 6:000 na Inglaterra.

A rapariga, o Chapeu e... os Ceirões
Quadro de Antonio Saude

Teatro da Republica



«As Nossas Amantes», 3.º acto, Brazão, Chabi, H. Alves e Adelina Abranches

Teatro da Trindade

A Princesa dos Dollares — Final do 2.º acto

PELOS TEATROS

Trindade

A operêta de Leo Fall, *Princeza dos Dollares*, que em varios teatros se tem representado, está atualmente fazendo sucesso nêste teatro devido, porcerto, ao seu magnifico desempenho e ao harmónico conjunto que ali se nota.

Demasiado conhecida é para que dela fale limitando-me, portanto, a referir-me á interpretação que lhe dá a nossa distinta actriz Palmira Bastos e ao novo tenor Amadeu Ferrari que promete vir a sêr uma figúra de destaque no nosso teatro, onde tanto faltam bons artistas dêste género.

Palmira, cujo papel temos visto interpretado com menos naturalidade e mêsmo com um excesso de rigidez, mostra-se muito mais sentimental e mais mulher que as suas colegas.

As excelentes qualidades artisticas que Palmira possue, tão evidenciadas nos palcos de comedia e de operêta, fazem com que dê aos seus papeis todo o realismo que êles exigem.

Amadeu Ferrari possue uma boa voz, que eu já tinha ouvido álgures, mas que agora está sensivelmente melhor, muito mais cheia e segura.

De resto todos os personagens que entram na peça contribuem bastante para êsse exito que tanto se tem acentuado.

Correia que dá o maior realce ao seu papel e os córos muito bem ensaiados e tambem a orquestra da direcção do maestro Filgueiras, em que a unidade e a precisão são incomparaveis, completam o conjunto agradavel e belo desta magnifica peça.

A. N.

República

De todas as peças novas que nesta época teatral temos visto representadas podemos colocar em primeiro lugar a peça do dr. Augusto de Castro, *As nossas amantes*, apezar do insucesso que obteve junto do público e da imprensa da capital.

Se ela é má, melhores não têm sido as outras e é natural, portanto, que a apreciemos como tal.

O dr. Augusto de Castro, jurisconsulto distinto e escritor de incontestavel mérito, ocupando um logar muito saliente nas letras pátrias, não é a primeira vez que escreve para teatros, tendo demonstrado as suas excelentes qualidades nêste género no *Caminho perdido* e no *Amôr á antiga* que se pódem considerar verdadeiros primôres.

A fórma literária desta nova peça é impecavel e á observação justa.

O assunto de que trata é muito ligeiro, pouco profundo, não impedindo no entanto que dêle se tirem conclusões sérias.

Habituados como estamos ao teatro francês, estranhamos porcerto essas scenas em que se mostra a vida típica de uma sociedade que é nossa e se acentuam caractéres verdadeiros e reais.

O ridiculo exagerado talvez nalguns dos seus personagens que contudo existem assim, que os conhecemos nós, não póde ser tomado como generalidade.

O caso é este: Gaspar, que já não é novo e está cançado da vida de solteiro com ceias e amantes, vae casar-se com uma rapariga de 16 ou 18 anos, de uma familia da província. Oferece uma ceia de despedida aos amigos na qual a amante dêle se torna conhecedôra do rompimento que se impunha.

A noiva, que tem uma educação inteiramente diversa daquela que deve ter uma rapariga nos nossos dias, é deliciosa de candura e de ingenuidade, é uma rosa em botão encantadora de frescura, muito romantica e nada conhecendo da vida.

Consentiu em casar-se com êle para ter um marido que lhe permitisse levar uma vida que ela tinha idealisado e lhe parecia ser a síntese da felicidade.

Essa felicidade para ela era a vida movimentada da sociedade, com bailes, recepções, teatros, passeios. Esses prazeres tinham-lhe sido vedados até ali pela família que lhe ensinara que depois de casada se podia entregar a êles. Ora Gaspar, o noivo, julgava ir encontrar no casamento o socego de que precisava.

Na propria noite do casamento viu a sua mulher arrebatada por um enxame de primos que tinham vindo de fóra para assistirem ao casamento.

Todos êsses ridiculos personagens que em scena nos dão a ilusão de que saíram de um manicómio, tão tôlos são, têm, na peça, papel de somênos importância que apénas serve de trampolim á descrição dos caractéres e dos costumes.

Esta família cheia de preconceitos de fidalguia não tendo onde alojar convenientemente um primo velho, resolveu dar-lhe o quarto dos noivos, sem consultar êstes.

Esta arbitrariedade só se póde admitir com uma extraordinária delicadêsa da parte do noivo. Se êle nem sequer podia contar com a anuência da mulher no caso de se revoltar, pois que ela tinha sido educada da mêsma maneira e para ela a vontade do marido era coisa que pouca importância tinha!

Entenderam os páis da noiva que o genro devia trabalhar e como tinha o curso de direito abriram-lhe um escritório de advogado.

Escusado é dizer que Gaspar pensou mais em dormir do que em trabalhar. De dormir é que êle precisava e, assim, mandava embóra os clientes e lembrava-se da sua vida de solteiro com a sua amante que para êle tinha os cuidados que a sua mulher lhe não dispensava. Recebe a visita da antiga amante e como as ideias que tinha presentemente o não prendiam muito ao casamento, resolve entregar-se novamente nos braços daquela com quem tinha passado momentos agora recordados com saudade.

Se por muitas das suas scenas que não conseguem interessar-nos e pelos finais de acto, notadamente o 1.º e o 3.º que não são bons, a peça nos não agrada completamente, não têmos a mêsma impressão do seu espírito geral.

O dialogo entre os noivos no fim do 2.º acto é um primôr e êle quasi resgata os defeitos que em toda a peça se possam encontrar.

A maioria dos personagens recordanos alguns típos de Camilo reproduzidos admiravelmente.

O caracter da noiva está claramente desenhado e só quem não conhecer as familias de província daquêle típo, poderá dizer que não é verdadeiro.

E quanto á moral da peça, temo-la que póde servir de grande ensinamento, qual é o de mostrar que na maioria dos casos os maridos enganam as mulheres porque elas não sabem coadunar-se aos habitos e tendências daquêles que escolheram para companheiros da sua existência.

O que mais se faz notar nesta peça é a educação, que necessariamente teve a rapariga para pensar daquela maneira, e é justamente essa educação um dos pontos mais frisantes da nossa vida provinciana.

Nísto mostrou-se o dr. Augusto de Castro o mêsmo psicologo que conhecemos em trabalhos seus anteriôres.

A' naturalidade do diálogo alia-se a fluidez e a elegância na maneira de dizer.

E pena é que *As nossas amantes* não tenham as qualidades necessárias para agradar a uma p'ateia, qualidades que possuem tantas obras sem valor nenhum.

A peça foi representada na festa artistica da actriz Adelina Abranches que nela tem um papel de pequena importância que representa, contudo, meticulosamente.

Os principais papeis pertencem a Brazão que no 2.º e 3.º acto é admiravel e a Leonor Faria que representa com toda a graça e naturalidade o papel de noiva, interpretando-o magnificamente.

Ferreira da Silva não representou melhor porque não quiz.

Henrique Alves não devia exagerar tanto a voz no seu papel de primo militar.

Em especial devemos citar Chaby que fêz um creado discreto e inteligente.

Todos os mais se desempenharam muito regularmente.

A edade dos ovos

Dissolve se uma chicara de sal em um kilo de agua. Mergulham se n'este liquido os ovos, cuja idade se deseja conhecer. O ovo fresco cahirá no fundo do vaso que contiver o liquido; o que tiver dois dias de posto, tocará levemente no fundo; o que tiver tres ou quatro dias oscillará entre o fundo e a superficie d'agua; o que tiver mais tempo fluctuará á superficie.

O Amor pelos livros

A Delfim Guimarães

O amor pelos livros não é uma paixão nova. Em todas as epochas os espiritos de eleição se rodearam das obras que a escripta reproduziu.

E' devido a esses colleccionadores, recolhidos, no tempo das barbaras invasões, nos sanctuarios e conventos, que nos foram transmittidas as obras da antiguidade. Foi tambem das collecções dos conventos que saíram os mais preciosos documentos para a historia, essa colheita de cartas que permittiram documentar as narrativas dos chronistas e disipar as trévas dos nossos annaes. Quão curta não sería a vista sobre o passado se os amadores de livros não tivesem tido o cuidado de trazer até nós as perspectivas!

Na Renascença, o gôsto pelas lettras espalhava-se já pelas classes elevadas. Os amadores de livros tornaram-se mais numerosos — ainda que no seculo XVIII se viam grandes financeiros unir-se para iniciar publicações cujo luxo ultrapassava

Dr. Augusto de Castro

muito os meios necessariamente restrictos dos livreiros. Se alguma cousa se devia fazer perdoar ás escandalosas fortunas accumuladas pelos rendeiros geraes, é a admiravel collecção dos livros editados por alguns d'elles. Não nos irritariamos muito se vissemos surgir na nossa frente tão uteis e honrosas emprezas. Valiam decerto mais, para gloria dos que a isso se applicassem do que os melhores exitos obtidos nos hyppodromos e darîam mais honra e proveito á lingua franceza do que uma victoria pelas armas.

A mór parte dos livros publicados no nosso tempo são, de facto, pouco dignos de figurar em collecções. Claro que não falamos do miolo d'elles. Os nossos escriptores têem muita vida; a sua penna tem, geralmente, senão grandes ares, pelo menos vivacidade e um colorído que toma, por vezes, a apparencia de vigor. Ha-os mesmo que possuem o segredo precioso para deslumbrar e para causar vertigens. Não; não quero falar das obras de imaginação que têem os leitores suspensos das suas linhas, nem das obras de theatro que põem em emoção milhões de espectadores, nem das historias que alteram todas as nossas noções adquirídas, nem de textos doutos onde claramente está demonstrado que toda a verdade é ficção, e toda a ficção, verdade; muito menos alludirei ás que de que Montaigne diz que vão, á força de bonitas palavras, *pastissant une belle contexture des bruits qu'ils r'amassent es carrefours des villes*. Não sei qual o respeito devido ás encruzilhadas para falar d'esses que ahi colhem o texto das suas chronicas com o desprezo que

Montaigne lhes consagra. Não falo do fim dos livros, mas da fórma. Como é que se pódem pôr á luz, como um bom vinho armazenado ha annos, esses livros novos que apparecem ás dezenas, diariamente? Reparem no papel: é pesado, porque tem gêsso; luz de vez em quando, porque a mica brilha na sua composição; é amarello, porque é fabricado com madeira; ou branco, porque foi branqueado com cal. Guardem-n'o durante dez annos na estante e, quando o abrirem, caírá desfeito em pó ou estará maculado de manchas amarellas. E a impressão? Bonita de aspecto; as lettras, porêm, farão olhos, porque a tinta tem muita gordura; não seccarão, porque é muito liquida e manchará as paginas de modo tal que as tornará illegiveis. Têem ao menos os caracteres bonito estylo, ligeireza, firmeza, elegancia? Grandes esforços se fizeram para imitar os typos elzevirianos! Conseguiu-se tal intento? Fez-se melhor, ou antes — mal. Os typos têem uma perfeição uniforme, sêcca, angulosa; falta-lhes a leveza das bellissimas impressões d'outr'ora; cheiram a machina e dizem bem alto ao homem de gôsto que foram impressos mechanícamente. A arte — ou seja, a alma humana — nunca por lá passou.

O que digo da impressão e do papel, posso, com maior razão ainda, dizer das figuras, se as tem, das gravuras, aquillo a que chamam illustrações. N'isto é tambem a machina, a mechanica auxiliada por um pouco de chimica, que tudo regúla. O desenhador é o sol com todas as suas insolentes brutalidades; o gravador, uma roda; o illuminador, uma pedra. Como querem que isto viva?

E a encadernação? Machina, mechanica, mechanica das mechanicas, tudo é mechanico. O proprio vapor alli representa o seu papel de cego. A costura é feita á machina; o cartão é cortado por ella; ella colla as lombadas; alisa as pelles ou os couros, e, se a agua não fosse tão cara, apertaría o livro de tal maneira que chegaria a extrair d'elle todo o succo precioso de que os escriptores o impregnaram.

Amadores de livros, procurem apenas uns tres ou quatro livros por anno para os conservar. Os outros, comprem-n'os, leiam-n'os se o coração lh'o pedir e deixem-n'os correr o seu curto fado; depressa desapparecerão para não embaraçarem ninguem. Os livros que o pensamento esfervilhante inspira nem todos têem a sorte da *Satira Menippéa*, e garanto que as trabalhosas psychologias do romance moderno viverão muito menos do que a *Astréa*. Estou d'aqui a vêr o riso que aflorará aos labios dos nossos bisnetos quando lhes caír sob a mão alguma das nossas obras-primas que seja impressa em verdadeiro papel Hollanda ou Japão que a França, a Inglaterra ou a Allemanha jámais fabricaram.

Pelo contrario, procurem livros antigos; os bons e leaes livros onde, a respeito de mechanica, só encontrarão a mechanica da intelligencia, da mão e da imaginação; um papel são, feito de linho; uma impressão nitida, feita com uma materia especial e bom lustro; impressões docemente feitas com uma pressão intelligente e sensivel e fórmas de lettras que deixam comprehender que á sua feitura presidiu a arte. Como Groliez, amem as boas encadernações, mas, como elle tambem, tenham esses livros para si e para os seus amigos, com uma condição, porêm, e é que não sairão de casa. Todo o livro que se empresta para ser lido fóra de casa, é um livro perdido. Calculam o que seja uma obra em seis volumes de que se empreste um e que nunca mais volte? A aventura não é rara e, como a tantos outros, a mim me aconteceu o mesmo. Não tendo conseguido obter o regresso d'essa ovelha desgarrada, escrevi ao meu *encostador* de livros: «Meu caro amigo — Envio-lhe os cinco volumes que faltam ao que me pediu emprestado. Estão aborrecidos em minha casa por se vêrem sem o companheiro» — Julgam talvez que esses livros me foram restituidos? Isso sim! Ficaram lá, e decerto se deram muito bem porque nunca mais voltaram! Faltam nas minhas prateleiras, é facto, mas, ao menos, não tenho a obra truncada!

Emprestem, pois, os seus livros, aos amigos, mas em casa. São ricos, presumo, porque compram bons livros e livros raros, para ter mesa posta na sua bibliotheca. E' a mesa da intelligencia. Dêem-se a esse excellente luxo de prateleiras faceis de attingir, releguem para os altos os livros de consulta, mas que não se leiam, e, principalmente, que só haja uma prateleira d'essas. Nada ha melhor para a preguiça do que esses livros escondidos uns pelos outros. Supponho que o leitor não seja preguiçoso; que as bonitas estampas, as impressões nitidas, as bellas encadernações não constituam todo o conjuncto que busca na bibliotheca; que tem o espirito da curiosidade, a intelligencia culta, a memoria bôa; essas faculdades, porêm, têem necessidade de ser cultivadas asiduamente. O leitor faz, por vezes, os seus alqueires, mas os proprios alqueires requerem os cuidados do lavrador. Não deixem de laborar, isto é, de preencher as lacunas do seu affolhamento intellectual. Se a fortuna lhe sorrir, o seu primeiro cuidado é demonstrar-lhe o seu reconhecimento, não deixando ignorar que escolheu bem. Tenha livros escolhidos, bem conservados, de bom aspecto e de valor certo. Estão-lhe abertas todas as linguas; prefere, decerto, a lingua-mãe, o que é natural; mas accrescente a ella algumas d'essas bôas obras que nasceram em Amsterdam, em Antuerpia, na Colonia, em Veneza. Procure de preferencia as primeiras edições a que chama *princeps;* os livros de Aldo de Manucio, dos Estienne, dos Elzeviers, dos Plantin; como, porêm, não é um curioso vulgar para quem uma collecção de botões de polainas ou de cacos de garrafas agradaría tanto como uma bôa bibliotheca, não deite a sua vista apenas para as *curiosidades;* nunca se prive de uma excellente collecção de Corneille ou de Molière; incline-se tambem para as edições do Louvre; procure por toda a parte os livros publicados pelos principaes rendeiros e não esqueça tambem que ha actualmente alguns volumes dignos de escolha em que magnificos impressores, encadernadores ciosos da sua bella-arte, envolvem n'um gracioso vestuario as maiores riquezas do espirito humano. Uma bôa bibliotheca não é obra de um dia, mesmo quando se emprega muito dinheiro; é preciso ter gôsto, um verdadeiro amor, e, se isso se puder conseguir, consulte-se muitas vezes um judicioso conselheiro. Tanto na cidade como no campo, o livro é um objecto preciso. Applique-se a variar as edições de um determinado escriptor; arranje apenas quinhentos volumes, mas que se possam vêr. E quando venha para o campo em dias de chuva, em que a espingarda esfría e os cães permanecem no canil, vá viver com os livros, e esquecerá as commoções da vida e as torrentes celestes em companhia dos grandes espiritos que tem debaixo de mão sem os evocar por practicas ridiculas. Interrogue-os nos seus livros. Têem resposta para tudo. Os Romanos — quando iam em viagem — tinham por uso e costume levar livros para lêr pelo caminho. Possuíam grandes carros em que íam as camas e as cosinhas; a mór-parte das vezes, paravam á noite; durante o dia, porêm, liam, escreviam, trabalhavam. Façamos como elles: *Laboremus.*

(Trad. de *Visconde de Calonne.*)

IV—XI—CMXI.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

Chronicas Lyricas

Teatro de S. Carlos

Mefistofeles — Carmen — Uma recita popular com a *Aida*, estreia da cantora Buissen

A opera *Mefistofeles* de Boito teve, d'esta vez, um desempenho bastante irregular, tendo havido apenas uma cantora de valôr, a sr.ª Lucia Crestani, o resto. . . bastante discreto.

A orchestra e massa coral, deminutas, d'aqui o prologo ter sahido sem brilho e pouco afinado. O baixo Rossato, não possuindo notas graves, cantou a sua parte, a seu bello prazer, e como estudo artistico da personagem, nada nos deu, parecia um *papão* para meter medo ás crianças!

Del Ry é um tenor com voz regularmente bonita, mas sentimento artistico, escóla, não tem, apagando a sua parte que sahiu sem brilho.

Os restantes cantores, discretos.

Falaremos agora da sr.ª Lucia Crestani, que nos papeis de *Margarida* e *Helena* satisfez por completo. Cantora de linda voz, de sentimento dramatico, cantou toda a sua parte muito bem; na *aria* da prisão, Crestani recebeu uma grande ovação, unicos applausos da noite.

A *mise-en-scene* pobrissima.

O maestro Giannetti regeu bem a opera, e com um grande interesse de a salvar.

*

A *Carmen*, confiada a uma artista franceza a sr.ª Thevenet, não logrou cahir nas bôas graças do publico. Na parte artistica, foi regular, mas como possue voz curta, as notas agudas sahem-lhe com enorme difficuldade; a ultima nota da *Habanera*, revelou logo que deveria cantar o resto da opera com enormes difficuldades.

A parte de *Michaela*, cantada por uma principiante, a mesma da 2.ª edição da *Mimi* da *Boheme*, não satisfez; que vá estudar, pois é ainda muito nova, e depois falaremos.

O tenor Famadas, artista estimado no noso *Colyseu*, apresentou-se em S. Carlos com tal medo, que a sua parte ficou prejudicada. A voz continua a ser bonita.

Hernandez, um toureiro *Escamillo*, para praça de provincia.

Os restantes artistas, discretos.

O maestro Urutia, que ha tantos annos não nos visitava, é um director d'orchestra de bellas qualidades.

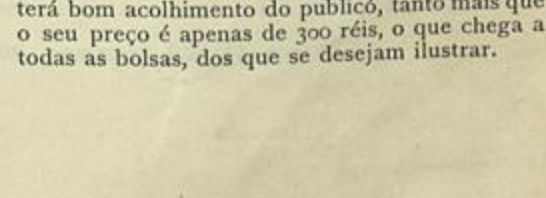
*

E' digna de elogios a empresa realisando recitas populares, para que todos possam ouvir a bôa musica, por preços assaz deminutos. A opera escolhida foi a *Aida*, um bello espectaculo, em que mais uma vez brilharam a soprano Lucia Crestani e barytono Ancona.

O papel de *Amneris*, foi d'esta vez desempenhado pela cantora Buissen, que não desmanchou o conjuncto. O tenor Zinowieff foi applaudido nos finaes dos actos.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Ama-se a gloria, teme-se a vergonha, e comtudo não se resiste ao vicio. E' collocar-se no meio d'um pantano, quando se tem medo da humidade.



Do regicidio á Republica — *Documentação historica*, coordenada por Arnaldo Fonseca. Cernadas & C.ª Livraria Editôra.

Temos sobre a nossa banca de trabalho três interessantes fasciculos duma obra de documentação historica ácerca dos ultimos tempos da nossa vida nacional — obra meritoria e árdua que o sr. Arnaldo Fonseca corajosamente empreendeu.

E' evidente que o sr. Fonseca nãs pensou — e sensatamente, em nossa opinião — sequer, como do subtitulo se subentende, em fazer uma apreciação, não só porque ainda estes tempos tão proximos dos grandes acontecimentos em questão, agitados de ventos das paixões não se compadecem com a austera serenidade da critica historica; mas tambem porque o mister de historiadôr modernamente precisa, para ser eficaz, duma cuidada e longa preparação e estudos especialissimos.

Trata-se, pois, nestes interessantes opusculos, pura e simplesmente duma coordenação metodica de documentos que o leitór poderá interpretar livremente.

Recomendamol-os aos nossos leitôres e agradecemol-os ao autôr.

A Revolução Portuguêsa, por Armando Ribeiro. João Romano Torres & C.ª Editôres.

Este primeiro tomo que amavelmente nos foi enviado, lêmol-o com grande interesse e sempre crescente, deste a primeira á ultima página. O assunto é naturalmente empolgante. Trata-se da lenta e subterranea preparação do regimen republicano, do forte, do perseverante e surdo ruir do edificio carcomido da extinta monarquia.

O leitôr certamente que o ha de lêr pelo assunto momentoso que no pequeno tomo palpita.

Maximas, Pensamentos e Verdades Amargas. — H. Brunswick. Livraria editora de Francisco Romero, Lisboa. Um volume de 160 pags. in-8.º de leitura interessante em que o autor, consoante o titulo, expõe seus pensamentos filosoficos de bom ensinamento e proveito moral, pois ha na sua leitura muito que considerar e aprender.

Ocioso é recomendar este livro, que decerto terá bom acolhimento do publicó, tanto mais que o seu preço é apenas de 300 réis, o que chega a todas as bolsas, dos que se desejam ilustrar.

Capitão Lux

A Fortaleza de Glatz, donde se evadio o capitão Lux
A flecha indica o logar onde estava preso

Desconhecido ainda ha pouco, não existe hoje ninguem no mundo curioso e ledôr de jornaes, que não conserve de memoria o nome do capitão Lux, tão aclamado, afamado e quasi glorificado tem ele sido nas ultimas semanas.

E' o caso deveras notavel duma evasão engenhosa e coragosamente executada duma das fortalezas mais vigiadas, consoante afirmam, da Alemanha — a fortaleza de Glatz, em Silésie.

E se na verdade esta audaciosa evasão não teve, nos seus resultados imediatos, motivos serios duma tão estupenda heroisacão, certo é, porém, que um homem como Lux, pelo seu acto de fria e firme coragem, surpreende e desarma o sentimento espontaneo da nossa admiração — exatamente como um habil estrátego ou um protagonista de romance velho.

O acontecimento desenrolou-se como, sem pormenores que ainda se não revelaram bem, vamos narrar.

Pertencente á oficialidade francésa, o capitão Lux foi suspenso das suas garantias civis e militares, ha pouco mais de um ano, nas margens do lago de Constança, pelas autoridades policiaes alemãs, e julgado e condenado a passar seis anos encerrado na fortaleza de Glatz, como espião ao serviço do governo do seu país, ainda que, segundo garante o periodismo francês, nenhum acto de espionagem se lhe pudesse imputar.

Tratado com todas as considerações e distinções que uma sabia diplomacia exige, no entanto, o capitão, habituado a uma vida activa e livre, vendo-se amasmorrado entre quatro paredes, com breves e raros intervalos de distracção, entediava-se mortalmente e quiçá o tedio mais e mais lhe despertava no animo a saudade imperiosa do ar amplo da patria.

O Capitão Lux

Este seu estado de alma descreve-o de qualquer fórma aos seus parentes e amigos de Paris que de comum acordo se esforçaram na elaboração ponderada dum plano que conduzisse habilmente a uma evasão feliz do capitão. A tentativa era temeraria. Mas a fortuna ajuda os audazes e a audacia distinguia a tempera energica de Lux. E aqui começa a preparar terreno a engenhosidade calma, firme, como que confiante, do plano. Nas cartonagens dos livros que de Paris lhe enviavam, iam finamente disfarçadas as pequeninas serras que, ao depois, de muito serviram. No embrulho dos livros, eram enrolados superflua e grosseiramente fios de que o capitão ás ocultas formaria cordas. E nos sobrescritos das cartas escritas em tinta simpatica vinham misteriosas e pormenorisadas instruções. A noite de 27 a 28 de dezembro passado foi a escolhida. E aqui começa a operar a fleugma, o sangue frio impertubavel e a energica coragem de Lux... E, emfim, sob as baionetas caladas e ameaçadôras das sentinélas, forçando portas, limando varões de ferro e saltando altos muros, lá conseguiu esgueirar-se sem ser presentido. E disfarçado galgou distancias e veiu afinal cair radiante de felicidade nos braços dos parentes e amigos queridos que o esperavam anciosos na *gare* de Paris.

Neste rasgo de interpidês e engenhosidade que o periodismo francês arroga como caráteristicas do espirito nacional, achou-se ocasião que evidentemente se não devia deixar escapar, de fazer-se entusiasmada apologia propria e humilhar-se o ronceirismo irritante e impertinente da Alemanha.

E' este um facto que mais tem aguilhado as atenções e mais se tem repercutido, na imprensa, de todos os matizes nas ultimas semanas.

E é assim que o nome quasi desconhecido, hontem, de Carlos Lux, é hoje um famoso e quasi glorioso e aureolado nome de heroe.

Vierling & C.ª

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negoceiam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Almanaque Illustrado do «Occidente»

PARA 1912

Está publicado e recebem-se encomendas, na Empresa do "Occidente" Largo do Poço Novo — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

Onde todos devem comprar **SAPATARIA PORTUGAL**

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. *Unico* legalmente auctorisado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e *sempre que é preciso levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com lettras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1$200